

A SENHORA DOS INVÁLIDOS

por Eduardo Prado Cardoso
Campinas - SP

Seu nome há de ser contestado - já ouvi de Genésia até Dercy - mas não sua fama. Podia ser vista nos fins de tarde descendo as ladeiras de Santa Teresa, onde viveu primeiramente amancebada com um estrangeiro, e depois, independente que se fez, em uma simpática casa de portão amarelo, frestas de metal apropriadamente escancaradas. Noite adentro, era na Rua dos Inválidos que os homens das mais variadas estirpes se congregavam para vê-la. Destacava-se mesmo ali, um universo de sujeira e ditas aberrações esquecidas pelo resto da cidade. Possuía tal charme ao fitar os potenciais amantes que, em seu ápice de produtividade, arrisco dizer, enfeitiçou três quartos da população masculina do Rio de Janeiro. Seus dotes de alcova eram especialmente apreciados pelos militares, e não à toa, no casarão dos reformados de número 138, a clientela atendida pela Senhora dos Inválidos incluía desde cabos mutilados até aspirantes agonizantes. Sua disposição para ouvir memórias malfadadas de ex-fardados deram-na uma aura de santa, a que dava e ouvia.

Foi exatamente a bondade em excesso, o corpo socializado pelas fábricas e pensões, o motivo da reputação contraditória. Era boa, bonita, barata, servia e deleitava. Não podia ser humana, a Senhora dos Inválidos. Os amanheceres tranquilos, desviando de paredes mijadas, transformaram-se em melancólicas fugas de covardes e carolas que atiravam-lhe pedras por ser tão perfeita. Ela, inclusive, cresceu em beleza e caridade na perseguição, isso posso atestar. Lembro-me bem da madrugada em que um coro de comerciantes marchou pela Mem de Sá a fim de expulsar a generosa, e eu, copo em uma das mãos, testemunhei um raio de mulher, clarão maravilhoso de rosto puro, cruzar na direção oposta, invisível à legião estéril e histérica.

Muitos acharam que tudo mudaria com a chegada do Capitão dos vigilantes, obcecado com a limpeza da Lapa. Queria arrancar as pedras, os moradores, a música das ruas. Os homens, ante a ameaça da maleável moralidade da noite, tentaram negociar, ofereceram a Senhora dos Inválidos ao líder das hostes, e ela se sacrificou por todos. Satisfez o homem, ouviu as histórias que ele não tinha. Chegou a ser admirada pelo bairro como nos primeiros dias, teve resgatada a memória de tempos em que era apenas símbolo de fuga e divertimento.

Mas os olhos do Capitão eram também os deles, e sua partida não evitou o retorno à barbárie. Apesar de salvadora de tortas tradições, ela foi ainda mais apedrejada e molestada, sem nunca deixar de atender aos inválidos. A cidade ruiu, sobreviveu, e esqueceu-se de canonizá-la.

Participar da avaliação das ilustrações de Chico Buarque para o concurso da Revista Philos foi uma honra, tanto pela riqueza dos trabalhos, quanto pela grandeza do homenageado.

Os discos de Chico fizeram parte da minha história de vida, especialmente junto ao meu pai, que era um grande fã. Juntos, ouvíamos e cantávamos suas músicas, meu pai no violão, em momentos que hoje são lembranças muito especiais para mim.

— **Gisele Félix,**
professora de Artes Plásticas, Ensino Médio CEAT

mais · más · più

philos

SERVIÇOS

Philos - Revista de Literatura da União Latina

t. + 55 081 987 921 062

Email (editor): jorge@revistaphilos.com

Email: philos.revista@gmail.com

www.revistaphilos.com

Casa philos – Agenciamento e Produção Cultural

Rio de Janeiro | São Paulo | Recife | Lisboa

Email: casaphilos@gmail.com

t. + 55 081 987 921 062

Revista indexada nas seguintes plataformas científicas

Latindex indexador de revista latinoamericanas

MIAR matriz de información para la evaluación de revistas

Library of Congress - Biblioteca do Congresso Americano

Esta publicação foi impressa utilizando as fontes Antonio, Barlow, Cabin e Pier Sans sobre os papéis Canson Recyclé 115g/m² (capa) e offset 75g/m² (miolo). 400 unidades foram impressas em São Paulo, em abril de 2019. Todo o projeto editorial foi concebido no outono de 2019 na cidade do Rio de Janeiro.

